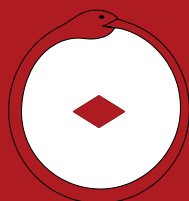
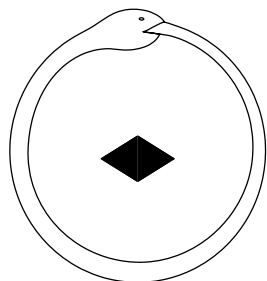


DA UNI PARA A ONU

Mac Suara Kadiwéu, Ailton Krenak,
Marcos Terena, Paulo Xavante,
Paulo Bororo e Eliane Potiguara



cadernos
SELVAGEM



DA UNI PARA A ONU

Mac Suara Kadiwéu, Ailton Krenak, Marcos Terena,
Paulo Nonda Xavante, Paulo Bororo e Eliane Potiguara

Criada em 1979, a União das Nações Indígenas (UNI) foi a primeira organização indígena a nível nacional. Tinha o propósito de juntar todos os povos indígenas do Brasil, levando pautas da esfera local para a esfera nacional e articulando a causa indígena através do protagonismo.

A UNI nasce em um cenário de resistência à ditadura militar, no mesmo momento em que emergem também organizações indigenistas, como a Comissão Pró-índio e o Ibase. Em 1985, o Estado dá seus primeiros passos de transição democrática e a Constituinte começa a ser discutida. Nesse mesmo ano, estreia o Programa de Índio, programa de rádio apresentado por Ailton Krenak e Álvaro Tukano, que trazia sons da Floresta e questões dos povos indígenas para dentro dos lares brasileiros pela primeira vez na grande mídia. O acervo com quase 200 programas foi recuperado e pode ser acessado gratuitamente [aqui](#). Chega aos cinemas, também em 1985, o filme *Avaeté – Semente da Vingança* de Zelito Viana, que retrata o massacre dos índios Cintas-largas por madeireiros, com a marcante atuação de Mac Suara Kadiwéu.

É nesse contexto que Ailton Krenak e Mac Suara Kadiwéu, então membros da UNI, decidem, junto à Vik Birkbeck por meio da Enúgbàrijo Comunicações, fazer uma vídeo-carta endereçada à Subcomissão de Assuntos Indígenas da Comissão de Direitos Humanos da ONU – um ato organizacional inédito no movimento indígena, com amplitude internacional. Este Caderno Selvagem reproduz a parte escrita deste trabalho, que ecoa as visões e reivindicações de seis lideranças indígenas em um momento histórico, tanto para o estado Brasileiro quanto para o movimento indígena.

Devido às dificuldades em abarcar a diversidade das demandas dos povos indígenas espalhados por todo o território brasileiro, a UNI chegou ao fim nos anos 90. No entanto, seu legado permanece vivo na

memória do movimento indígena, com uma atuação tão importante que culminou com a elaboração do capítulo sobre direitos indígenas na Constituição de 1988.

Os *frames* das filmagens que ilustram esse caderno acompanhavam a carta e são frutos do material gravado por Vik Birkbeck e Ras Aduato.

Integra também este caderno uma reprodução do Jornal Indígena n. 2, set-out de 1984, enviada por Pedro Mandagará, com um texto de Ailton sobre o assassinato de Marçal Tupã. Indicamos ainda o Programa de Índio em homenagem a [Marçal](#).

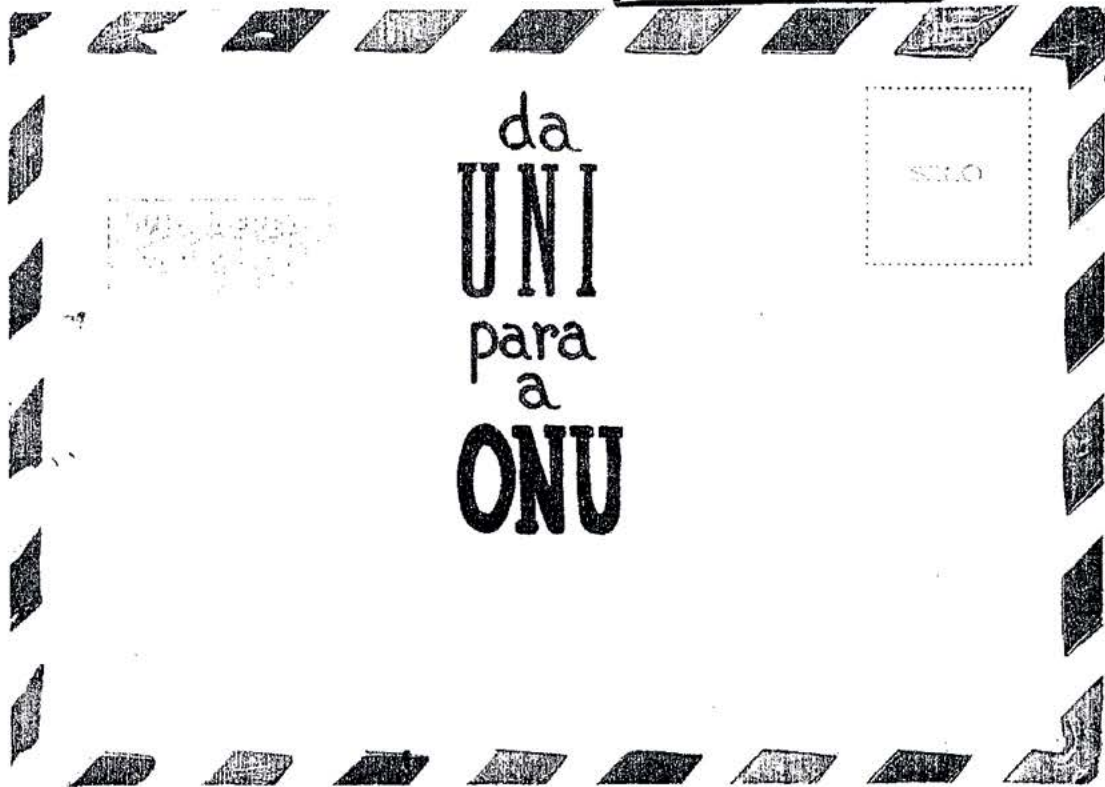
Victoria Mouawad

VÍDEO
PALESTRA

MOVIMENTO
da POPULAÇÃO
INDÍGENA



CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 93000030



da
UNI
para
a
ONU

Brasil 76 1,00



**20 MINUTOS
VT NTSC**

- ENÚBARIÃO comunicações
 - OBTENÇÃO de TABA
 - e a UNIAO das NAÇÕES INDÍGENAS
- CONVIDAM:**



endereçado também à:
Sub-comissão de Assuntos
Indígenas da Comissão de
Direitos Humanos da ONU
GENEVA
de 22 de Julho a 27 de Julho de 1985

UNI

-Texto do documentário em Video-
Da UNI para a ONU

Mac Suara Kadiwéu - Ailton, você acha que a luta indígena está ganhando espaço com a nova democracia? Com a nova mudança que tá havendo?

Ailton Krenak - Bem, eu acho que o fato de que o novo programa de governo, e de certa maneira a população brasileira, que está acompanhando mais de perto as decisões do governo, permite que os interesses da população indígena tenham uma defesa mais franca, mais aberta. Mas não altera em muito a situação da população indígena, na medida em que a república, a velha ou a nova república, ela tem haver com o Estado brasileiro, tem haver com o processo de desenvolvimento nacional e muito pouco haver com populações indígenas; nosso povo não tem nada haver com a república, aliás. A república é uma invenção de ... de republicanos.

Marcos Terena - ...E, como estamos partindo para um governo de transição democrática, para um governo que realmente procura dar oportunidade ao povo brasileiro, é necessário também que o índio tenha uma participação maciça nesse processo, quem sabe até mesmo através da criação de um ministério ou de uma secretária especial, que realmente atenda as necessidades da comunidade indígena.

Mac Suara Kadiwéu - Nessa nova república, o grito nacional -estão gritando em coro- pela reforma agrária. Você acha que essa reforma vai ser uma coisa boa ou ruim para o índio? Qual a opinião do corpo da UNI, o que você acha dessa reforma agrária?

Ailton Krenak - Então, a minha opinião sobre república, sobre nova ou velha república, ela tem relação, também, com os possíveis programas dessa nova república. Um dos programas de impacto da nova república é o lançamento dessa reforma agrária. O impacto dessa campanha é em cima de determinados setores da sociedade brasileira, que ela já está com objetivo de alcançar mesmo, e em cima da população indígena. Ela não é dirigida a população indígena. Então o que a população indígena vai sofrer, ou o que resta da população indígena, é mais ou menos assim: é o efeito dessa acomodação de interesses políticos e sociais aí, em cima das comunidades indígenas. Nesse sentido eu acho que é benéfico. Porque se estiver discutindo a questão fundiária, vai ter que discutir a demarcação das terras indígenas. Mas nós vamos pegar isso aí por tabela, porque reforma agrária não tem haver com terras indígenas, na medida que as terras indígenas não fazem parte do stock de terras que o governo está discutindo.

Paulo Xavante - É isso, nós tá lutando tudo cacique do Brasil inteiro. Pensamento demarcação de terra, acerta terra seu.

Paulo Bororo - Me desculpe, mas só que o índio também tem responsabilidade de fazer seus trabalhos junto das comunidades, defender sua terra, nós

nós queremos a terra não só para expandir, explorar, mas simplesmente para sobreviver e dar condições a nossos filhos de caminhar sobre a nossa cultura.

Mac Suara Kadiwéu - Você acha que é conveniente apresentar esse problema juntamente com a constituinte, para entrar mesmo ...? O movimento indígena está entrando nessa constituinte?

Ailton Krenak - Então, eu acho o seguinte; que uma Assembléia Nacional Constituinte, que venha se reunir agora, é fundamental que índios estejam presentes nessa assembléia, que estejam presentes nesta Constituinte. Não porque a nova república ou velha república, mas porque é um direito nosso, é um direito nosso que historicamente tem sido desrespeitado. As Constituintes que se reuniram nesse país até hoje, nunca tiveram representantes indígenas, teve um ou outro cara lá, dando uns palpites sobre populações indígenas, mas o movimento indígena, o povo indígena, nunca teve representado. E daí esse direito que entendemos, de participar desta Constituinte e vamos buscar marcar presença na Constituinte; sobretudo defendendo a idéia de que a população indígena não terá que participar das eleições gerais para estar presente na Constituinte. Nós reivindicamos um número de cadeiras nessa Assembléia Nacional Constituinte que permita a população indígena estar representada, sem concorrer as eleições gerais, porque seria injusto exigir que um povo de cultura diferenciada, de estágio político e econômico totalmente diverso do conjunto da sociedade brasileira, viesse concorrer com parlamentares escolados, que vão ter aí a sua disposição bilhões de cruzeiros para fazer as suas campanhas, você vai concorrer com o índio?

Música: Terra na Terra, de Surubim Feliciano da Paixão- do disco Tupi or not Tupi, produzido pela Fama Som Discos Ltda SP.

-trecho utilizado-

O índio quer terra na terra, quer um lugar prá morar (bis)

Quer ficar junto com o povo, com o poder popular (bis)

O índio quer terra pa' terra, quer um lugar prá morar (bis)

Quer ficar junto com o povo...

Ailton Krenak - O povo sabe, o nosso povo tem uma consciência muito viva do que são os nossos direitos e do que nós precisamos: precisamos de ter os territórios demarcados, nossas terras respeitadas - que o Estado brasileiro respeite a autonomia dessas comunidades indígenas no sentido de se organizar com suas características próprias, com as suas formas próprias; a educação bilíngue; o atendimento médico; o respeito as formas tradicionais de se organizar. Isso precisa estar inserido numa lei maior da nação que é a constituinte. Todos os índios sabem disso, agora, quem não sabe disso são os brancos.

Eliane Potiguara - Nós gostaríamos de colocar o seguinte: que na lei 6 001, o artigo 65 diz o seguinte; que até 78 todas as comunidades estariam com suas terras demarcadas, até 78, nós estamos em 85, e até agora não foi realizada esta proposta.

Paulo Bororo - Agora simplesmente a gente tem o nosso conhecimento junto a sociedade nacional, que nós também devemos lutar por nossos direitos, e nossos direitos cabe, como assim consta, na constituição nacional.

Ailton Krenak - Historicamente o Brasil tem tratado a população indígena como uma espécie de indigente. Quando foi criado o serviço de proteção ao índio pelo Rondon, pelo Marechal Rondon no começo do século -era o SPI que cumpria o papel da Funai hoje-, era o SPI vinculado a um ministério da secretaria de... como se fosse assim de parques...era como se cuidasse de parques e jardins e o índio lá dentro. Depois eles progrediram um pouco, e botaram o índio dentro do ministério da Indústria e Comércio, era como se tratasse o índio assim, como se fosse especiaria também. Aí passou mais um tempo, eles foram progredindo e botaram o índio dentro do ministério da Agricultura, -no governo de Getúlio Vargas o SPI era o órgão que executava a política do Estado brasileiro em relação a população indígena. Mais tarde, depois da década de 60, quando foi discutido uma política de governo em relação a população indígena,- e é interessante a gente se lembrar que quando a gente fala na política do governo em relação a população indígena, na verdade se trata de uma política do governo no processo de roubo das terras habitadas pelos índios, porque a preocupação do governo não é a população indígena, é o território que a população indígena ocupa,- então nesse processo de constante ocupação dos territórios indígenas, que eles chamam de ééé, espaços vazios, então os territórios indígenas são considerados espaços vazios pelo Estado brasileiro...

Mac Suara Kadiwéu - Se você pegar o mapa do Brasil e ver onde é que cruza a ferrovia, a rodovia, as tele-comunicações...onde é que cruza? Em territórios indígenas. Quem foi que fez? Foi o índio. Por que? Porque o índio que carregou a mala, abriu picada, empurrou o caminhão do Cândido Marechal Rondon, que ele colocou aquela lei: "morrer se preciso e matar nunca", se um branco matar um índio, ele é preso em flagrante, se um índio matar um branco não é preso, por que? Prá influenciar mais o índio, prá apoiar ele, prá ele ganhar aquela luta com ... mais facilidade.

Ailton Krenak - ...ficar andando de um lado prá outro, junto com...

Paulo Xavante - Isso que eu queria falar também.

Ailton Krenak - Com parque de... Zoológico...

Paulo Xavante - O ministério não vale nada,

Ailton Krenak - Né?

Paulo Xavante - Brasileiro é sagrado, prá ele independência não vale mais nada, nem prá mim, né? Ele está brincando de jogar ... cachorro é índio não, índio é sagrado, ele também é sagrado, né? Não respeita nada né? ...você fala aí...

Ailton Krenak - Fala tudo né?

Paulo Xavante - Fala duro.

Ailton Krenak - E, então a partir de 67, quando é criado a Funai, Fundação Nacional do Índio, substituindo o Serviço de Proteção ao Índio, e com o novo programa do governo que era um programa que já tinha uma orientação desenvolviment

mentista, eles colocaram a Funai dentro do ministério do interior. E é bom a gente lembrar que o ministério do Interior tem como objetivo justamente assentar colono na Amazônia, em Rondônia, no Pará, no Acre. Então dentro do ministério do Interior, que é um ministério de colonização, de ocupação dos interiores do país, do sertão, eles colocaram um órgão que é a Funai, -que tem a competência justamente de garantir pro índio o território que ele vive. Então a Funai virou uma coisa esquizofrênica: com uma mão ela garante a terra do índio, com a outra ela rouba a terra do índio. Com uma mão ela dá um título para o colono invadir a terra do índio e com a outra mão ela entra com processo dizendo que o colono está invadindo a terra do índio. E a Funai, na verdade, não se trata de um órgão bom ou de um órgão ruim, se trata de que é um órgão que está instalado dentro de um ministério que cria para ela todas estas contradições, e vira um órgão esquizofrênico, né?, louco.

Paulo Xavante - Nós Funda também o ministério do índio, não ministério do bobagem, não ministério do falso, não ministério mentira. Então ministério político está fazendo brincadeira com índio.

Ailton Krenak - (no telefone) ... Vai sair um pau desgraçado ... é prá mostrar o clima de intranquilidade, de absurdo, de terrorismo que o povo indígena está vivendo ... Os Apinayé estava tudo bem depois que a gente conseguiu a briga da demarcação de terra depois de fevereiro, quando foi sábado agora eles foram baleados pelos fazendeiros, delegado de polícia, prefeito... Mataram um índio e prenderam um grupo de velhos índios também, um rapaz de 25 anos e um grupo de velhos... sabe, foram metralhados pela polícia de Tocantinópolis...

Ailton Krenak - Isso era um jeito de matar índio...óh... isso aqui é a GRIN, Guarda Rural Indígena; uma experiência de militarização dos índios. Todos os índios que serviram na Grin, ou morreram ou ficaram loucos. Muitos deles voltaram prá dentro das suas aldeias, prá virar milico de seus parentes, vigiar os parentes, prender os parentes, dar tiro nos parentes ou então dar tiro na própria cabeça, se suicidar. O cara que implantou esse sistema aqui, se chama major Pinheiro, está vivo. É latifundiário, ladrão de terra no Vale do Rio Doce. Roubando terra dos Maxacali, dos Krenak e de todo mundo que é fraco no Vale do Rio Doce e no Mucuri. É da PM de Minas Gerais.

Ficha técnica*-

*- Discos utilizados: PAITER MEREWÁ, Rituais SURUI, pelos Surui. Memória discos e edições Ltda, São Paulo.

Tupi or not Tupi, Surubim Feliciano da Paixão, lado B, segunda faixa: Terra na Terra. Fama Som Discos do Brasil Ltda, São Paulo.

*- Equipe de VT.

ENUGBÁRIJÓ Comunicações

e

C ANTENAL da TABA

*- Produção.

-*- Produção.

Co-Produção da equipe de VT com a União das Nações Indígenas.

Uni - Senador Dantas 80/205, Centro
Rio de Janeiro (provisório)
Cep 20031

*Mac Suara Kadiwéu
*Karai Mirim Guarani
*Eliane Potiguar

Uni - Ministro Godoi 1454 sala 57
(sul) Perdizes, São Paulo,
(011) 62 42 46 cep 05015

*Álvaro Tucano
*Ailton Krenak

Enugbárijó Comunicações-

Rua Joaquim Murtinho 307, Santa Tereza, Rio de Janeiro
(021) 232 04 53 cep 20241
Adauto Vik

O Antenal da Taba-

Rua Miguel Rezende 558, c/3, Santa Tereza, Rio de Janeiro
(021) 242 68 53 cep 20251
Daniel Caetano e Micheline Bondi

-*-*-*-*



foto Maria Helena Brancher

Nós reclamamos a
Injustiça, a calúnia,
a pobreza, a fome
que a CIVILIZAÇÃO
NOS Trouxe.

— X —

MARÇAL de SOUZA
GUARANI-NHANDAVA.

— X —

Em memória de Marçal de Souza, índio Guarani-Nhandeva,
assassinado no dia 25 de novembro de 1983, na aldeia
Campestre (MS).



Ailton Krenak e Paulo Xavante



Ailton Krenak portando uma fotografia em denúncia à atuação da Guarda Rural Indígena dentro do território Krenak na década de 1970.

Marçal: Uma morte encomendada

*Líder indígena assassinado em 25/11/83 — Mato G.
do Sul por defender integralmente os direitos do seu
Povo.*

*Pelo imediato esclarecimento!
Pela punição dos responsáveis!*

Ailton Krenak

No dia 25 de novembro próximo está fazendo um ano que nosso companheiro Marçal Tupã — Y, líder das comunidades Guarani, não só de Mato Grosso, onde viveu, mas de todo o Brasil, foi assassinado por pistoleiros.

Nos primeiros meses deste ano o suspeito de ter matado Marçal, esteve preso. Foi libertado logo em seguida por seus amigos e protetores. em sua defesa saíram muitos amigos, ricos. O acusado de ter matado Marçal, ficou alguns dias preso porque foi muito grande a mobilização que fizemos.

O deputado Mário Juruna ajudou muito nessa luta. Telefonou e exigiu do delegado da polícia federal que não soltasse o suspeito. Este trabalho de Juruna — como deputado e como irmão indígena. teve um poder de pressão contra os assassinos. Mas não podemos deixar este caso de Marçal cair no esquecimento. Vamos nos preparar para exigir a punição deste crime.

Nesta campanha não podemos nos esquecer que outros irmãos índios como Angelo Kretã, Angelo Pankararé, Alcides Maxakali e os Kiriri que tombaram defendendo suas terras continuam sem justiça. O sangue de todos esses companheiros clama por justiça e respeito a pessoa humana.

As autoridades têm o dever de por um fim a essa série de assassinatos de lideranças indígenas. Sabemos que não morreram em vão, tiveram suas vidas tiradas por encomenda. Foram mortes anunciadas.

No mês de novembro deste ano de 1984, vamos lembrar Marçal e

Marçal de Souza Guarany



Vamos todos exigir a punição dos responsáveis pela morte de Marçal.
Faz um ano que ele foi assassinado.

clamar por justiça. Estaremos reunidos em Mato Grosso do Sul junto com nossos companheiros Terena, Guarani, Kaiowá, Kadiwéu e muitos outros neste ato de solidariedade e disposição de levar nossa luta em frente.

Não conseguirão nos calar a todos. E como disse Marçal: "Um dia faremos o V da Vitória para os nossos inimigos, "Seremos Vitoriosos".

EXPEDIENTE:

Edição: Ailton Krenak

Redação: Alvaro Tukano, Biraci Brasil e José Apollônio Xocó.

Jornal Indígena é uma publicação da UNI-Coordenadoria de Publicações Regional Sul-Rua Caiubi, 126-Perdizes Cep.: 05010 - São Paulo - Brasil

AILTON KRENAK

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (Companhia das Letras, 2020) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

MARCOS TERENA

Escritor, comunicador e líder indígena. Na ECO-92 do Rio de Janeiro, foi convidado pela ONU para organizar o tema indígena e participou da redação da Carta da Terra. Ao longo de sua trajetória, contribuiu na demarcação das terras de muitos povos, em diversos estados brasileiros. É idealizador dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, onde atualmente trabalha como coordenador do Conselho Internacional.

ELIANE POTIGUARA

Primeira escritora indígena do Brasil. Com sete obras e diversos editoriais publicados, seu trabalho abarca também obras voltadas ao público infantojuvenil. Participou durante anos na elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU. Foi criadora da primeira organização de mulheres indígenas no país, o Grupo Mulher-Educação Indígena (GRUMIN) e faz parte do Projeto Mulher: 500 anos atrás dos panos.

MAC SUARA KADIWÉU

Primeiro ator indígena no cinema brasileiro, Mac Suara Kadiwéu fez sua estreia em 1985, no filme *Avaeté - Semente da Vingança* de Zelito Viana. Ao longo de sua carreira, participou de diversos outros filmes e documentário, além de sua importante ação como liderança do movimento indígena.

EM MEMÓRIA

Marçal de Souza (falecido em 1983)

Paulo Bororo (data não identificada)

Paulo Nonda Xavante (falecido em 1992)

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Muito obrigada ;)

AGRADECIMENTOS

Vik Birkbeck
Idjahure Kadiwel
Pedro Mandagará
Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

